

**Resumo:** O livro *Language Change*, de Joan Bybee, se propõe a ser um guia completo sobre os tipos e mecanismos de mudança para estudantes de cursos de Linguística ou para interessados que tenham algum conhecimento de conceitos básicos da área. Métodos tradicionais e inovadores são utilizados na análise em várias línguas, examinando padrões gerais de mudança, seja a mudança sonora, analógica, gramaticalização e a criação e mudança de construções, bem como a mudança lexical.

BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

## RESENHA - JOAN BYBEE. LANGUAGE CHANGE

*Bruna Aceti (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Natalia Machado (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

O livro *Language Change*, o mais recente de Joan Bybee, professora emérita de Linguística da *University of New Mexico*, publicado em 2015, propõe ser um guia para estudantes de Linguística sobre os tipos e mecanismos de mudança que atingem estruturas linguísticas em todos os níveis. Através de métodos tradicionais e inovadores, a autora analisa um amplo espectro de fenômenos em várias línguas, examinando padrões gerais de mudança, seja a mudança sonora, analógica, gramaticalização e a criação e mudança de construções, bem como a mudança lexical. A mudança aqui está fundada primeiramente em processos cognitivos e fatos inerentes ao uso da língua pelos falantes. Por ser pensado para estudantes iniciantes de Linguística, ao final de cada capítulo, há sugestões de leitura e questões para discussão, revendo os principais pontos desenvolvidos, incluindo atividades de análise para verificação das hipóteses e argumentos demonstrados pela autora.

Já no prefácio, a autora deixa claro que enfatizará os aspectos dinâmicos da língua, em concordância com a teoria que adota, os pressupostos dos Modelos baseados no Uso. A perspectiva desenvolvida é, portanto, mais integrada com fatores cognitivos e do uso do que a perspectiva presente na maioria dos manuais de Linguística Histórica. Assim, a mudança linguística ocorre durante o uso linguístico e os mecanismos que guiam a mudança são processos psicolinguísticos ou cognitivos operando em situações comunicativas cotidianas e o uso da língua.

A motivação para escrever o livro foi o de preencher lacunas existentes em manuais de Linguística Histórica percebidos pela autora em suas aulas de Mudança Linguística. O motivo pelo qual o livro trata de mudança linguística e não de Linguística Histórica segue do desejo de Bybee em produzir um tratamento mais atual e integrado com as novas descobertas na linguística funcional e cognitiva.

Mudanças por analogia e mudanças sonoras podem agora ser tratadas em interação com fatores cognitivos e não mais “princípios”. Agora pode-se observar os tipos de mudança mais comuns, o que permite formular hipóteses sobre a direcionalidade e as causas da mudança sonora e como essas mudanças se difundem pelo léxico.

Com respeito à mudança sintática, a postura é a de que grandes avanços foram feitos a partir da visão de que construções sintáticas se desenvolvem de estruturas discursivas livres através dos mesmos mecanismos vistos em gramaticalização. A noção de construção é inevitavelmente adotada em todo o livro, segundo a visão tradicional de Goldberg (1995; 2006), ou seja, pareamento entre forma e função, porém restringindo o termo a padrões sintáticos convencionalizados. Esses padrões possuem *slots* que podem ser preenchidos por vários morfemas ou palavras. Entender morfossintaxe através da noção de construção torna possível examinar de onde as construções surgem, como competem com construções preexistentes e o que acontece com construções antigas. Podemos igualmente discutir de que forma construcionalização e gramaticalização interagem com mudanças de ordenação de palavras.

O livro promete ser uma obra tanto acadêmica quanto do interesse de pessoas com algum conhecimento em Linguística que gostariam de saber mais sobre como as línguas mudam. O livro se divide em 11 capítulos dos quais 3 (cap. 2, 3 e 4) tratam exclusivamente da mudança sonora e fonológica. Dois capítulos do livro (cap. 6 e 7) examinam os mecanismos gerais de mudança e observam as trajetórias comuns de gramaticalização encontradas nas línguas do mundo. Ao final do livro, são oferecidos o quadro fonético do IPA - *International Phonetic Association*, um glossário de termos usados em todo o texto e um *index* de línguas analisadas nas pesquisas citadas.

O primeiro capítulo, *The study of language change*, resume a intenção do livro, que é examinar como e por que as línguas mudam. A mudança linguística é um fenômeno que pode ser observado tanto em períodos correntes quanto em estágios mais antigos das línguas, registrados em documentos. Explicações podem ser identificadas pelas características das línguas quando investiga-se como as línguas mudam. O pressuposto fundamental é que a mudança ocorre na maneira pela qual uma língua é usada. Um fato importante é que todas as línguas mudam da mesma forma.

Além disso, os processos mentais que estão em jogo quando os falantes e ouvintes se comunicam são as principais causas da mudança. A visão da autora é muito interessante, pois, para ela, uma vez que os falantes de todas as línguas têm os mesmos processos mentais e possuem igualmente um propósito comunicativo, as mudanças que surgem nas línguas do Alasca e de Zâmbia, por exemplo, se encaixam nas mesmas categorias que as mudanças encontradas no Inglês e no Francês.

Embora mudanças em palavras sejam as mais óbvias, não são as mais sistemáticas nem as que geram maior impacto na estrutura linguística geral. Então, o livro concentra-se nas mudanças observadas na fonologia e na estrutura das línguas, incluindo mudanças semânticas que correspondem a mudanças estruturais. A mudança pode afetar, na verdade, todos os aspectos linguísticos, desde sons à morfologia e sintaxe, estendendo-se ao significado de palavras e construções.

Ao discutir o porquê de haver mudanças nas línguas, a autora explica que a convencionalização, ou seja, a tendência de falarmos como aqueles que estão a nossa volta, faz com que os traços da língua se mantenham por diferentes gerações de usuários. Bybee responde à pergunta, *O que faz a língua mudar?*, demonstrando que as palavras e as construções da língua mudam ao circularem por nossas mentes e corpos e passarem de um falante para outro através do uso. Esse processo é o tópico desta obra.

A linguista explica que, quando o falante usa a língua, faz constantemente combinação de padrões (*pattern-matching*) e, ao fazê-lo, reforça certos padrões. Em inglês, por exemplo, adiciona-se /s/, /z/ ou /ɪz/ em um substantivo para marcar o plural, coloca-se o auxiliar antes do sujeito para fazer a pergunta, dentre outros. Sendo assim, a mudança ocorre quando novos padrões surgem, quando mudam sua distribuição ou quando se perdem.

Ao tratar de mudança, é interessante ter em mente que as línguas mantêm aspectos antigos ao longo do tempo. A convencionalidade presente nos sistemas linguísticos pode retardar a mudança. Um exemplo advém de estruturas sintáticas antigas que permanecem em uso no inglês. No século XVI, os verbos principais ocorriam antes de seus sujeitos em perguntas, como em *What say you of this gentlewoman?* ‘O que você diz sobre esta senhora?’. No inglês corrente, este verbo, *say* ‘dizer’, não aparece antes do sujeito, mas os auxiliares permanecem expressos nessa posição (BYBEE 2015: 6):

(8) *What can you say about this lady?*

(9) *What should I do to help you?*

Auxiliares como *can* e *should* surgiram a partir de verbos plenos. A alta frequência na construção exemplificada em (8) e (9), no entanto, garantiu que estes verbos permanecessem na posição invertida mais antiga. Os demais verbos, por apresentarem uma frequência de ocorrência menor, passaram, a formar perguntas com *do*. Então, mesmo com tantas mudanças, muitos aspectos das línguas podem se manter conservados por longos períodos de tempo.

No capítulo 2, *Sound change*, Bybee explica que os sons da língua podem mudar de diferentes maneiras ao longo do tempo. Define a mudança sonora como uma mudança na pronúncia de um segmento (ou mais) dentro da palavra, condicionado pelo ambiente fonético. A linguista cita exemplos de mudança sonora no português brasileiro, nos dialetos do Rio de Janeiro e de outras cidades, quando se trata das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ que são palatalizadas quando precedem uma vogal anterior alta /i/ e um *glide* anterior alto /j/. Nesse sentido, as oclusivas dentais se tornam pós-alveolares antes de

uma vogal anterior alta ou *glide*, se for tônica ou não, e se for ou não nasalizada.

A autora apresenta, ainda, neste capítulo, tipos de mudança sonora, tais como: a assimilação (*assimilation*), a lenição (*lenition*) e o fortalecimento (*fortition*). A assimilação é uma mudança na qual um som se torna mais parecido com um outro adjacente. Ademais, tende a ser lexicalmente regular, foneticamente gradual e semelhante entre as línguas. No entanto, Bybee menciona que, embora as mudanças sonoras sejam regulares, não necessariamente vão atingir todos os itens lexicais. Isso é o esperado, mas nem sempre acontece. É importante, também, considerar os movimentos dos articuladores e da dimensão temporal, pois, quando uma palavra é produzida, os articuladores se movem em determinadas sequências. Para isso, a linguista examina as mudanças que ocorrem nas sequências dos gestos articulatórios para cada um dos tipos de mudança sonora considerados no estudo.

Além disso, Bybee explica que os gestos utilizados para produzir os sons mudam o *timing*, uma vez que podem ser antecipados, sobrepondo gestos precedentes, ou estendidos, não terminando tão rápido. Esses dois tipos de assimilação são chamados de assimilação regressiva (*anticipatory assimilation*) e assimilação progressiva (*perseverative assimilation*).

Com relação à lenição (ou redução), Bybee explica que o termo se refere a qualquer mudança na qual a magnitude ou a duração do gesto seja reduzido, incluindo a redução na articulação da consoante medial e, por vezes, inicial de uma palavra. Para isso, a autora discute casos, primeiramente, de lenição e depois se volta para outros tipos de redução, como aqueles que afetam vogais. Mudanças nos gestos são consideradas, fazendo distinção entre dois tipos: redução à zero (articulação da consoante se torna mais fraca e é eventualmente perdida) e sonorização (a consoante se torna mais parecida com uma vogal).

Diferente da lenição, o fortalecimento (*fortition*) é definido como o aumento na magnitude ou na duração do gesto. Bybee examina alguns casos e demonstra que, embora seja menos comum que a lenição, há situações em que a duração ou a magnitude do gesto pode aumentar. Entretanto, não há casos em que um gesto completamente novo apareça sem que já tenha ocorrido anteriormente. Por essa razão, é importante averiguar com cuidado os gestos envolvidos na mudança.

O capítulo 3, *Sound change and phonological change in a wider perspective*, trata das consequências da mudança sonora, de alguns outros tipos comuns de mudança e, ainda, de mudanças fonológicas que não cabem exatamente na definição de mudança sonora. A autora examina as consequências dessas mudanças para os sistemas fonêmicos, considerando divisões que criam novos fonemas e fusões para o desaparecimento de fonemas antigos. Bybee observa, também, certos tipos de dissimilação, metátese, e mudança motivada por padrões fonotáticos, bem como as causas da mudança sonora, levando em consideração fatores que podem ajudar a descobri-las.

A autora destaca que a dissimilação não é apenas o oposto da assimilação, uma vez que não ocorre sob as mesmas condições e nem da mesma maneira. Outra característica é que elas não são lexicalmente regulares e são relativamente mais raras. Muitos exemplos de dissimilação são citados. Dentre eles,

estão a palavra latina *peregrīnus* (estrangeiro) que se torna *pellegrino*, em Italiano, e *arbor* (árvore) do Latim que passa a *árbol*, em Espanhol.

Para discutir a metátese, Bybee inicia a seção com exemplos da transição do Latim para o Espanhol, /rj/, /pj/ e /sj/, como em: *riparia* > \*[ribaira] > \*[ribeira] > *ribera* (banco); *casium* > \*[kaiso] > *queso* (queijo). Segundo a autora, esse é um caso de *retiming*, pois parece ser uma continuação do *retiming* antecipatório do *glide* palatal, que tinha impacto na fonologia românica.

Bybee trata, ainda, neste capítulo, das mudanças nos inventários fonêmicos para explicar a criação de um novo fonema e a sua perda, das mudanças vocálicas, como *The Great Vowel Shift*, bem como dos princípios gerais dessas mudanças. Segundo Bybee, um dos pontos importantes sobre *The Great Vowel Shift* é que as vogais anteriores e posteriores sofriam mudanças paralelas, com as vogais altas sendo ditongadas e todas as outras vogais se tornando mais altas.

No final do referido capítulo, a autora menciona que há, ainda, algumas características da mudança sonora que podem se diferenciar dos tipos de mudança, mas que auxiliam na compreensão de suas causas. Dentre os exemplos citados, eis alguns deles: o caminho fonético e condicionador da mudança, ou seja, que traços fonéticos são afetados e sob que condições; muitas mudanças sonoras criam novos segmentos ou tons ou novas sequências de segmentos (assimilação, lenição), mas, em outras, o resultado é um segmento existente (dissimilação) ou uma reorganização para conseguir uma sequência de segmentos existente e mais comum (metátese); algumas mudanças ocorrem apenas na palavra (dissimilação, metátese, mudanças na vogal), enquanto que outras podem ocorrer entre as fronteiras (assimilação e lenição), isto é, entre duas palavras.

O capítulo seguinte, *The interaction of sound change with grammar*, versa sobre o modo como a mudança sonora interage com a gramática da língua. Bybee explica como as alternâncias causadas pela mudança sonora afetam paradigmas morfológicos e, ainda, parte das construções morfossintáticas.

Para a autora, uma vez que algumas palavras têm condicionamento fonético para mudança sonora e outras não, as alternâncias surgem naquelas que são relacionadas morfológicamente. Então, no paradigma singular-plural do Inglês atual, alguns substantivos têm duas formas, uma para o singular (com fricativa surda) e uma para o plural (com fricativa sonora), como em: *wife* (esposa), *knife* (faca) e *wives* (esposas), *knives* (facas). Quando os paradigmas mostram variantes de morfemas (alomorfes), há uma alternância no paradigma. Pode também haver alternâncias nas palavras que são derivacionalmente afetadas, como em: *give* (dar) / *gift* (presente) ou *thieve* (roubar) / *thief* (ladrão). Esses casos exemplificam como uma mudança sonora regular, que afetou as fricativas surdas em posição intervocálica, teve consequências em palavras relacionadas morfológicamente, gerando uma alomorfia do radical entre singular e plural.

A mudança sonora condicionada foneticamente afeta os itens que apresentam o contexto de mudança e isso gera alternância (diferença) entre itens relacionados morfológicamente. Por exemplo: no Inglês

arcaico, *seonfon* > *seven* e *calf* > *calves*. O vozeamento atingiu tanto a fricativa de *seonfon*, que gerou *seven*, quanto a de *calfen*, forma de plural de *calf*. *Calf* não mudou porque a fricativa estava em final de palavra, mas mudou para *calves*, porque a fricativa estava em posição intervocálica.

Bybee enfatiza que, uma vez que as alternâncias criadas pela mudança sonora se tornam parte de um paradigma, elas vêm para representar os significados expressos nas formas do paradigma, e, ao fazê-lo, se tornam *morfologizadas*. Isso significa que aquelas alternâncias criadas por uma mudança sonora deixou de ser condicionada pela fonética para ter uma associação com a morfologia. A linguista complementa que a direção de mudança da fonética para a morfologia é a direção mais comum. Bybee discute também mudanças mais específicas, tais como *rule inversion* (expressão usada por Vennemann, 1972) e extensão da mudança fonética em *rule telescoping* (termo usado por Hyman, 1975). A primeira diz respeito à direcionalidade da alternância condicionada, que é, às vezes, o oposto da mudança sonora ocorrida, enquanto a segunda se refere ao fato de que as alternâncias condicionadas morfologicamente envolvem uma distância fonética maior que as alternâncias condicionadas foneticamente.

Em *Analogical change*, Bybee discute as mudanças analógicas que afetam as alternâncias. No entanto, ressalta que sua preocupação está na forma morfológica e não no significado (abordado nos capítulos 6 e 7). A definição de analogia morfológica utilizada pela autora se refere à re-criação da palavra baseada na semelhança com outras palavras existentes na língua. Exemplifica a analogia com o verbo *leap* que segue o padrão do passado regular (uso do sufixo *ed*) no Inglês, como: *dreamed*, *kneeled*, *creeped* e *weeped* para mostrar que, mesmo tendo havido variação de *leaped* com *leapt*, esta desapareceu por ser a mais antiga. Em alguns casos, quando a mudança analógica ocorre, a forma antiga continua existindo, mas é usada com um significado diferente. Por exemplo: a forma comparativa do adjetivo *old* (velho) era *elder*. Hoje, *older* é a forma utilizada, porém *elder* e o superlativo *eldest* ainda são usados em casos específicos, especialmente quando se trata de irmãos, em *the elder sister*.

Uma vez que a mudança sonora introduz alternâncias e irregularidades nos paradigmas morfológicos, como mencionado no capítulo 4, as mudanças analógicas são uma resposta a essas alternâncias, pois podem eliminá-las ou estendê-las a novos itens lexicais. Além disso, Bybee revisa os tipos de mudança e discute tendências gerais para sua direcionalidade. Nota que a analogia se aplica ao nível mais abstrato, visto que envolve generalizações sobre a estrutura das palavras que são complexas morfologicamente. Ao fazer uma distinção entre a mudança sonora e a analogia, a linguista explica que a primeira é governada por fatores fonéticos, enquanto que a segunda é governada por fatores semânticos e por similaridade fonológica. Cita, ainda, o “Paradoxo de Sturtevant” (1947) que diz que a mudança sonora é regular, mas produz irregularidade morfológica. Já a analogia é irregular, mas produz regularidade em paradigmas.

Em abordagens tradicionais, a mudança analógica parecia também irregular no sentido de que não era possível prever a direção da mudança. Neste capítulo, Bybee discute várias tendências gerais de mudança e conclui que todas têm um forte suporte. Uma questão levantada pela autora é com

relação ao exemplo anteriormente citado *leaped* e *leapt*. Ela questiona o porquê de essa nova forma de passado ter sido criada com base na forma de presente. Seria compreensível que fosse criada a forma de passado *leaped* e não um novo presente *lep*, *leps* ou *lepping*.

Bybee cita Kurylowicz (1947) que explica que a forma mais básica ou simples do paradigma serve como base sobre a qual são criadas novas formas. Outra abordagem seria pensar nas categorias (conforme Manczak, 1958), pois o tempo presente serve como base para o passado, indicativos para os subjuntivos e a terceira pessoa do singular para outras formas de número e pessoa. A autora acredita que esta visão é mais concreta que a de Kurylowicz, porém assume que erra ao fazer generalizações sobre outros casos.

A linguista considera difícil prever que mudanças podem ocorrer em qualquer paradigma, pois, algumas vezes, elas estão em competição umas com as outras. Por exemplo, os casos em que mudanças analógicas se movem em duas direções: alguns verbos, do Espanhol, na terceira conjugação alternam o radical /i/ e /e/, em *pedir* (primeira pessoa do singular no presente *pido* e primeira do plural *pedimos*). É comum, em alguns dialetos no espanhol, encontrarmos essa alternância, porém isso não ocorre em todos os verbos. Por exemplo, com o verbo *escribir*, a primeira pessoa do singular, no presente, é *escribo* e a primeira do plural *escribimos*. Em alguns dialetos, essas formas são *escrebir*, *escribo*, *escrebimos*.

A autora demonstra que duas forças distintas operam nesses casos. Uma é a tendência de se criar uma forma para um sentido e a outra é a semi-produtividade de uma classe com frequência *type* razoável (há mais de vinte verbos com a alternância). Essas tendências em competição dificultam a previsão de uma mudança analógica. Entretanto, há uma mudança possível que não ocorre: não há relatos de alternância em favor das formas com /e/, pois /e/ ocorre apenas com formas pouco frequentes e menos básicas do paradigma.

No capítulo 6, *Grammaticalization: process and mechanisms*, Bybee examina o processo de gramaticalização (ou gramaticização), que explica o surgimento de novos morfemas gramaticais, como afixos, auxiliares, artigos, pronomes, preposições e posposições. A autora discute o desenvolvimento dessas formas gramaticais ao longo do tempo e chama a atenção para o fato de quase todas elas surgirem de itens lexicais, a saber: substantivos e verbos, ou combinações de itens lexicais e gramaticais.

O referente capítulo se inicia com um resumo do desenvolvimento da forma auxiliar de futuro *will*, no Inglês, e segue com observações sobre o surgimento da forma de futuro nas línguas românicas. Com relação ao auxiliar de futuro *will*, a autora explica que mudanças ocorreram em sua forma fonética, em suas propriedades morfossintáticas e em seu sentido. Todas essas mudanças ocorreram juntas num processo longo e gradual de gramaticalização. Uma vez que há mudanças que afetam diferentes tipos de comportamento, pode-se dizer que a gramaticalização não é apenas um processo, mas muitos que ocorrem juntos.

Em termos morfossintáticos, Bybee explica que *will* é um membro da classe dos auxiliares modais no Inglês, que têm propriedades distintas dos verbos principais. Tal classe não existia no Inglês

Antigo, mas se desenvolveu como *will* e outros modais (*shall, may, can, must, should, might, could* e *would*) com a gramaticalização. Algumas das propriedades desses auxiliares são: i) a possibilidade de inversão com o sujeito nas frases interrogativas, ii) a forma negativa *not* os precede, iii) levam o infinitivo sem *to*, e iv) não possuem o sufixo de terceira pessoa do singular *-s*. As três primeiras propriedades são as mais antigas e presentes em todos os verbos do Inglês Arcaico e do Inglês Médio. Enquanto outros verbos principais perderam essas propriedades, os auxiliares modais se fixaram nas construções como resultado da alta frequência e da gramaticalização.

Bybee conclui que o futuro formado a partir de verbos de movimento, em Inglês (*go*), Espanhol, Português e Francês, está substituindo a forma de futuro mais antiga (*will*, em Inglês, e infinitivo + *haber*, nas línguas românicas). Isso significa que há ciclos da gramaticalização: uma construção se desenvolve e substitui a outra. Quando um morfema gramatical tem seu significado generalizado, um novo morfema em uma nova construção surge com um sentido mais específico e passa a ser mais usado. Então, quando o *will* começa a não mais expressar fortemente uma intenção, *be going to* toma seu uso. Vale destacar que a língua não está tentando obter um novo morfema de futuro. Os falantes, por sua vez, é que estão tentando encontrar maneiras para expressar sentidos mais específicos, porém quando essas formas se tornam altamente frequentes, seus sentidos também mudam. Dessa forma, há ciclos de mudança e de substituição.

Bybee enfatiza que a gramaticalização envolve mudanças de diferentes aspectos na construção afetada: em sua forma fonética, no seu comportamento gramatical e no seu sentido. Assim, discute vários aspectos da gramaticalização com um olhar para os mecanismos de uso da língua que subjazem cada aspecto de mudança. A autora destaca que um dos fatores que promove a redução na gramaticalização é a formação do *chunk*, isto é, sequência de elementos que são processados juntos na memória. Uma vez que o *chunk* é usado com alta frequência, há uma tendência de redução e fusão fonéticas, como, por exemplo, a forma contracta de *will*, que é *'ll*. Outros fatores são a *especialização* ou *perda de constância paradigmática* e *expansão da categoria*. Para a linguista, construções em gramaticalização sofrem mudanças que afetam os itens que podem ocorrer em diferentes posições da construção. Algumas posições estreitam a gama de itens que podem ocorrer, às vezes para apenas uma (*especialização*), enquanto que outras posições expandem essa gama de itens (*expansão de categoria*).

Além disso, pode haver perda de traços morfossintáticos, isto é, *decatégorização*. Neste caso, quando um substantivo ou um verbo se torna mais fixo numa construção gramaticalizada, ele perde aspectos de seu sentido e pode se tornar desconectado das instâncias de mesmo substantivo ou verbo usados em outros contextos. Como está mais fixo na construção gramaticalizada, perde propriedades morfossintáticas que o designam um substantivo ou verbo. Outra mudança morfossintática que acompanha a gramaticalização é a *fixação da posição*. Frequentemente, a fonte lexical que levava ao desenvolvimento de um morfema gramatical era uma palavra que podia ocorrer em diferentes posições na oração. Em Tok Pisin (língua crioula de Papua Nova Guiné), a construção *by and by* foi gramaticalizada como marcador tanto de intenção quanto de futuro. Antes, tinha a forma *baimbai*, porém, hoje, possui a forma reduzida *bai*. No início, ocorria no início da oração (*baimbai mi go / bai*



*mi go*), porém, depois, surgiu uma variante pré-verbal (*mi bai go*). Bybee cita os estudos de Romaine (1995), que mostram que há uma tendência a instâncias pré-verbais.

Outra observação sobre a mudança de sentido dos itens lexicais devido à gramaticalização é o *bleaching*, isto é, o sentido lexical tem um desbotamento das especificidades de sentido, ou generalizados quando os componentes específicos de sentido são perdidos. O exemplo dado por Bybee é o desenvolvimento de *cunnan* (*saber*), do Inglês Arcaico, para *can*. *Cunnan* significava “saber” e era usado em contextos que indicavam um sujeito com habilidade mental ou conhecimento. No Inglês Médio, *can* passou a ser usado com mais verbos, então perdeu o componente mental do seu sentido e passou a indicar a habilidade interna de um agente, abrangendo habilidades mentais e físicas. Esse passo semântico é denominado *bleaching* ou *generalização*. Além disso, a linguista destaca ainda *a mudança semântica por adição de sentido dependendo do contexto*. Em outras palavras, o sentido é adicionado devido à interpretação que a construção recebe no contexto. Um exemplo mais comum é o da inferência. No Inglês, as formas de futuro *will* e *be going to* passaram por um estágio em que expressavam intenção. A função veio por inferência.

Por fim, a autora explica que a *metáfora* é outra fonte para novos sentidos das construções em gramaticalização, visto que mapeia a relação estrutural de um domínio mais concreto para outro mais abstrato. Metáforas espaciais baseadas no corpo humano são particularmente mais frequentes no desenvolvimento de preposições e posposições. Bybee cita o exemplo de Heine et al. (1991b) encontrado nas línguas africanas. No Swahili, o substantivo *mbele* significa *peito*, mas também *parte da frente, lado da frente*, que se aplica a objetos não humanos. A relação espacial entre o peito e todo o corpo humano é mapeado sobre outros objetos por metáfora. *Mbele* é também usado com sentido de preposição locativa, como *na frente de*, e como advérbio temporal *antes*.

Na última seção do capítulo 6, a autora comenta ainda sobre outras propriedades gerais da gramaticalização. Destaca que é um processo gradual e caracterizado por variação tanto na forma quanto no sentido. Construções gramaticalizadas podem expressar dois ou mais sentidos. As formas na construção podem ter variantes na forma fonética assim como em outras propriedades morfossintáticas. Além disso, a autora explica que a gramaticalização é um processo contínuo, pois, uma vez que a construção é formada e um morfema gramatical é criado, pode-se dizer que há gramaticalização. Entretanto, a mudança não acaba nesse momento. A construção continua se tornando mais gramatical até se perder eventualmente ou ser substituída por uma outra com função semelhante.

Em *Common paths of grammaticalization* (cap. 7) são apresentados resultados de pesquisas tipológicas para descrever os padrões de mudança de itens lexicais que assumem funções gramaticais ou itens gramaticais que se tornam mais gramaticais. De acordo com estudos de gramaticalização de larga escala, cujos dados provêm de várias línguas, há apenas algumas fontes lexicais possíveis para cada morfema gramatical, ou *gram*, segundo a autora. O argumento que fundamenta este capítulo é que em todas as línguas, em qualquer tempo, os mesmos mecanismos de mudança operam em material lexical e gramatical muito similar. Isto não significa dizer que a gramaticalização é exatamente a mesma em todas as línguas. Na verdade, em cada língua existem condições específicas que movem o

desenvolvimento, a longo prazo, mais em certos contextos do que em outros. Neste capítulo, Bybee examina as trajetórias de gramaticalização atualmente conhecidas, como as que definem categorias de tempo e aspecto, modo e modalidade, pronomes pessoais, concordância número-pessoa, artigos, adposições, casos e marcadores discursivos e subjetificação. Neste último caso, a grande subjetividade da função do marcador discursivo é devido a inferências feitas pelo ouvinte de que, se o falante usa tal forma, esse falante está expressando alguma dúvida sobre a verdade da declaração. Então, embora a subjetividade seja atribuída ao falante, é o ouvinte quem adiciona este significado porque os ouvintes estão sempre tentando entender a opinião subjetiva do falante. Foi o que ocorreu com *indeed* ‘de fato’, cujo significado passou do verbo *dede* ‘ação’ para *in dede* ‘in action’, para ‘na verdade’. Deste uso, surgiu o uso enfático de *indeed*, como em *I mean, that would be very exciting, indeed* ‘Quer dizer, isto seria muito empolgante, de fato.’ (p.157, exemplo 183). E ao final do processo de gramaticalização? A autora explica ao final do capítulo que conforme os *grams* tornam-se cada vez mais opacos, a tendência é substituí-los por itens gramaticalizados mais recentes que possuem significados de alguma forma mais plenos. Esse processo de substituição pode ocorrer bem lentamente, o que ocasiona na coexistência de *grams* novos e antigos preenchendo funções similares na língua. Algumas vezes, porém, a forma antiga pode permanecer na língua com uma função mais marginal. Outra possibilidade é a de o *gram* antigo, muito opaco ou com significado generalizado, assumir novos significados de seus contextos de uso. “Pedaços” de antigos *grams* podem, ainda, incorporar-se a itens lexicais, como no caso de *-om*, marcador de caso dativo plural no *Old English*, na palavra *selda-* ‘raro’ > *seldom* ‘raramente’ (Hopper 1994). A conclusão da exposição das trajetórias - similares - de gramaticalização é reconhecer que há um potencial para o processo nos contextos cognitivos e sociais nos quais as línguas são usadas, similares entre as culturas.

O oitavo capítulo aborda a mudança sintática ou construcional. Neste capítulo, são tratadas as mudanças que ocorrem em construções sintáticas, incluindo a criação de novas construções e mudanças em construções que passam, então, a existir na língua. A autora decide por considerar padrões sintáticos somente aqueles que são convencionalizados. Essa decisão revela a importância da noção de não composicionalidade, conforme primeiramente assumida por Goldberg (1995). A autora destaca que enxergar construção como um mapeamento entre forma e significado permite expressar um sentido geral que vai além do significado das palavras ou morfemas que a compõem.

Os fenômenos são tratados sob o entrelace das mudanças sintáticas e da gramaticalização i) porque muitas construções possuem morfemas gramaticais específicos na sua estrutura, desenvolvidos pelo processo de gramaticalização; e ii) porque a criação de novas construções é orientada por alguns dos processos presentes na gramaticalização, como o *chunking*, a expansão categorial, a generalização e a inferenciação.

A tipologia da ordem de palavras e o fenômeno da mudança da ordem de palavras também são abordados, revisitando algumas propostas para a maneira como uma língua muda de uma ordenação para outra. Uma pergunta intrigante sobre essa questão envolve as correlações entre ordenação de sujeito, verbo e objeto e outras estruturas hierárquicas na língua. Assim é, por exemplo, que línguas VO apresentam AuxV, PrepN, NGenitivo e demais estruturas núcleo-modificador, enquanto que

línguas OV apresentam VAux, NPosp, GenitivoN, ou seja, estruturas modificador-núcleo. No entanto, há uma série de outras línguas que são inconsistentes com esse princípio de harmonização da ordem das categorias. As inconsistências devem-se ao momento em que tais línguas estão passando por mudanças ou novas construções estão surgindo, pois as mudanças são graduais.

No capítulo 9, *Lexical change: how languages get new words and how words change their meaning*, a autora transcorre sobre os processos de mudança que afetam palavras, incluindo desde a entrada de novos itens lexicais em uma língua, através de composição, derivação e empréstimo, até como palavras antigas desaparecem do léxico, por competição com outras formas e diminuição da frequência de uso.

Quando uma palavra entra na língua e começa a ser usada pelos falantes, geralmente sofre mudança semântica. Há, segundo a autora, uma tensão entre a necessidade de as palavras apresentarem estabilidade em seus significados e a tendência de adaptar palavras velhas em usos novos. Diferentemente dos estudos de gramaticalização, que apontam para a direcionalidade e padrões recorrentes de mudança, a mudança lexical mostra de forma muito mais difusa esses padrões. Isto porque os falantes são muito criativos na maneira como usam as palavras. Um exemplo é a palavra *shrimp* ‘camarão’, usada também com o sentido de ‘pequeno’. Pode-se imaginar que tal uso seja uma metáfora do ente marinho concreto para o domínio abstrato de tamanho, mas a etimologia da palavra mostra que o caminho foi inverso: *shrimp* deriva do verbo do Alemão Médio alto *schrampen* ‘encolher’.

Não obstante isso, é possível identificar tendências de mudança presentes nas línguas, algumas das quais são as mesmas observadas na mudança semântica da gramaticalização, como a metáfora, a metonímia, inferência e generalização ou desbotamento semântico. Ressalta-se o papel forte que o contexto exerce sobre o significado e o uso de itens lexicais.

No capítulo seguinte, a autora relaciona o método comparativo, a reconstrução linguística e as relações tipológicas entre as línguas. Muitas dessas relações só podem ser estabelecidas a partir do que se sabe sobre mudança. A linguística histórica enfatiza a comparação entre as línguas para descobrir as afiliações a famílias linguísticas, mas o que a autora foca nesse capítulo é o método comparativo.

O método comparativo é baseado em duas propriedades da mudança linguística: i) o fato de que as palavras de uma língua são bastante estáveis e permanecem no sistema por um longo período; e ii) o fato de que grande parte das mudanças sonoras são lexicalmente regulares, isto é, afeta todas as palavras que se encontram dentro das mesmas condições fonéticas. Quando se torna evidente que correspondências sistemáticas existem para uma porcentagem relevante de sons das línguas comparadas, pode-se então afirmar que há relações genealógicas entre elas. Assim, quando estudiosos antigos propuseram traços fonéticos aos protofonemas, pouco se sabia sobre como as línguas mudam ou que tipos de consoantes plosivas havia. Na época foram reconstruídas as séries *\*p*, *\*t* e *\*k*; *\*d* e *\*g*; e *\*bh*, *\*dh* e *\*gh*. Hoje, que sabemos mais sobre os sistemas consonantais das línguas, muitos outros estudiosos têm demonstrado que esse sistema consonantal reconstruído é muito raro entre as línguas atuais, se é que realmente existe.

Importante ressaltar, como o faz a autora, que o método comparativo não assume a universalidade da mudança sonora e sim a regularidade da mudança.

No último capítulo do livro, *Sources of language change: internal and external factors*, são apresentadas fontes possíveis da mudança linguística, tanto fontes internas, advindas da experiência do falante com o uso, quanto fontes externas, mais especificamente as fontes relacionadas a situações de contato linguístico. Nestes casos, a autora recomenda que se utilize o método sociolinguístico para estudar usos linguísticos reais de bilíngues. Há um destaque para línguas pidgin e crioulas, incluindo desde os primeiros estágios de pidgins ao desenvolvimento em línguas crioulas, mostrando que o processo é gradual. Interessante destacar que categorias gramaticais podem se desenvolver ainda na fase pidgin da língua, como ocorreu com o sintagma adverbial *bambai* ‘eventualmente’ do Tok Pisin (Papua Nova Guiné), que se tornou *bai*, um marcador de intencionalidade e depois de futuro. Esse marcador, reduzido fonologicamente de *bambai*, estabilizou-se na posição preverbal. Assim, categorias gramaticais podem se desenvolver mesmo antes de serem adquiridas por falantes nativos, o que deveria ocorrer na fase crioula da língua. O capítulo se encerra com uma metáfora excelente sobre a visão de língua adotada em todo o livro: assim como o funcionamento de grandes cidades como Nova Iorque, língua é um sistema adaptativo complexo que se autorregula. Da mesma forma, a mudança linguística não é controlada por ninguém, isto é, ninguém tem a intenção de mudar uma língua, mas todos os falantes tem a intenção de se comunicar e para isso utilizam todos os meios disponíveis para isso. A cognição humana e a consciência social entram em cena para garantir que, mesmo sempre mudando, as línguas permaneçam sempre as mesmas.

O livro cumpre a promessa proposta de ser um guia, um manual para iniciantes em estudos linguísticos, oferecendo um panorama atual da mudança linguística nas línguas do mundo, provando a tese de que as línguas mudam seguindo padrões semelhantes e regulares, com dados claros e variados. Também tem sucesso ao adotar um modelo de língua baseado no uso, coerente não só com a trajetória da autora enquanto pesquisadora, mas testando outras teorias e mostrando o quanto são limitadas para uma visão abrangente dos processos que subjazem a dinâmica de uma língua.

## REFERÊNCIAS

Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press.

Hopper, P. (1994). Phonogenesis. In: W. Pagliuca (ed.). *Perspectives on grammaticalization*, Amsterdam: John Benjamins, 29– 45.

Heine, B; Claudi, U. & Hünnemeyer, F. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.

Hyman, L. (1975). *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart e Winston.

- Kurylowicz, J. (1947). La nature des procès dits analogiques. *Acta Linguistica* 5, 17-34.
- Manczak, W. (1958). Tendances générales des changements analogiques. *Lingua*, 7, 298-325, 387-420.
- Romaine, S. (1995). The grammaticalization of irrealis in Tok Pisin. BYBEE, J. e FLEISCHMANN, S. (eds.) *Modality in grammar and discourse*, Amsterdam: Benjamins, 389-427.
- Sturtevant, E. H. (1947). *An introduction to linguistic science*. New Haven: Yale University Press.
- Vennemann, T. (1972). Rule inversion. *Lingua*, 29, 209-242.

**Recebido em 15/09/2016**

**Aceito em 03/11/2016**